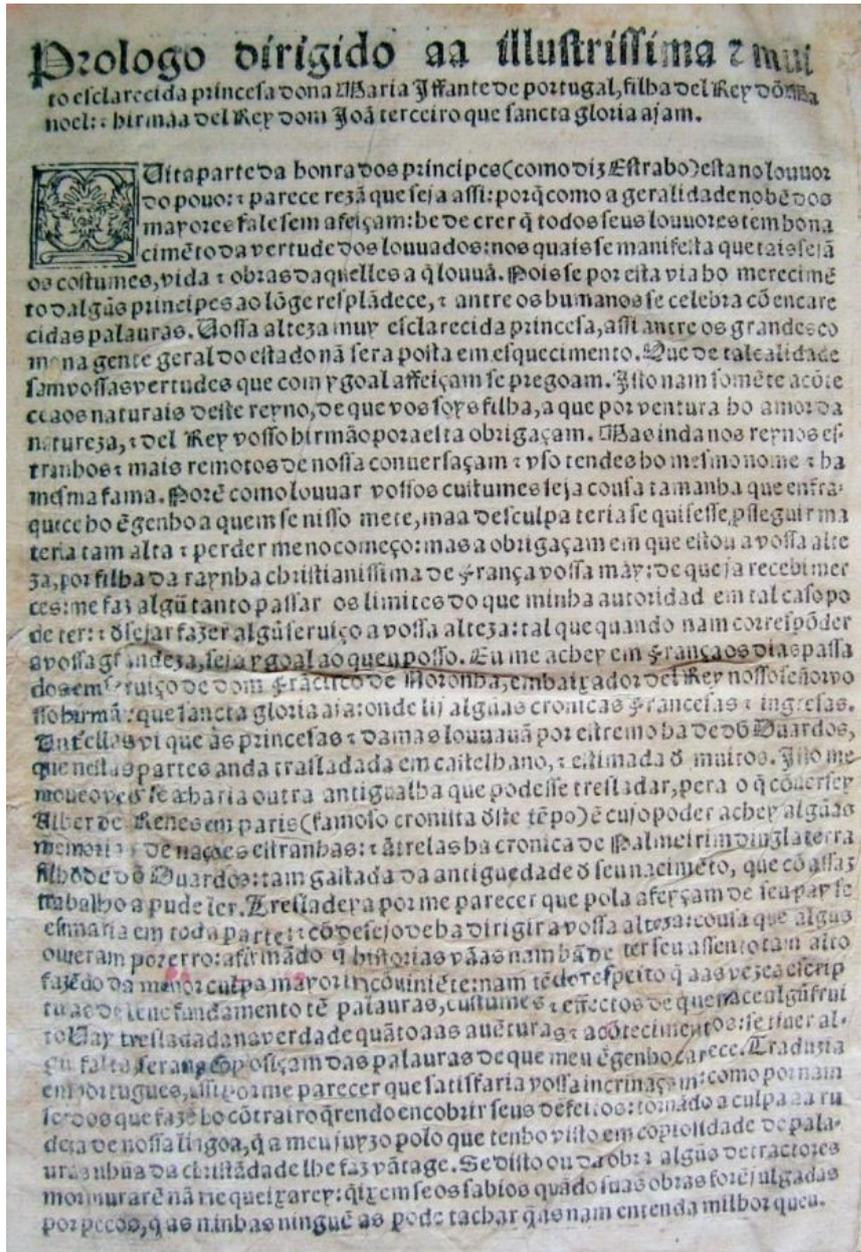




Palmeirim de Inglaterra (Parte I) 1567- Prólogo

Fac-símile

{1r}



Edição paleográfica

{1r} Prologo dirigido aa illustrissima e mui | to esclarecida princeza dona Maria Iffante de portugal, filha del Rey dô Ma | noel: e hirmãa del Rey dom Joã terceiro que sancta gloria ajam.



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

[*letra inicial enquadrada ocupando 4 linhas*] [M]Vita parte da honra dos principes (como diz Estrabo) esta no louuor | do pouo: τ parece rezam que seja affi: porque como a geralidade no bem dos | maiores fale sem afeçam: he de crer que todos seus lououres tem ho na | cimento da vertude dos louuados: nos quais se manifesta que tais sejam | os costumes, vida τ obras daquelles a que louuam. Pois se por esta via ho merecimen | to dalguns principes ao longe resplandece, τ antre os humanos se celebra com encare | cidas palauras. Uossa alteza muy esclarecida princeza, affi antre os grandes co | mo na gente geral do estado nam sera posta em esquecimento. Que de tal qualidade | sam vossas vertudes que com ygoal afeçam se pregoam. Isto nam semente aconte | ce aos naturais deste reyno, de que vos foys filha, a que por ventura ho amor da | natureza, τ del Rey vosso hirmão por a esta obrigaçam. Mas inda nos reynos es- | tranhos τ mais remotos de nossa conuerçam τ vfo tendes ho mesmo nome τ ha | mesma fama. Porem como louuar vossos costumes seja coufa tamanha que enfra- | quece ho engenho a quem se nisso mete, maa desculpa teria se quifesse, proffeguir ma | teria tam alta τ perder me no começo: mas a obrigaçam em que estou a vossa alte | za, por filha da raynha christianissima de França vossa may: de que ja recebi mer | ces: me faz algum tanto passar os limites do que minha autoridad em tal caso po | de ter: τ desejar fazer algum seruiço a vossa alteza: tal que quando nam corresponder | a vossa grandeza, seja ygoal ao queu posso. Eu me achei em França os dias passa | dos em seruiço de dom Francisco de Noronha, embaixador del Rey nosso senhor vo | sso hirmã: que sancta gloria aja: onde lij algũas cronicas Francesas τ inglesas. | Antrelas vi que as princezas τ damas louuauam por estremo ha de dom Duardos, | que nestas partes anda tralladada em castelhano, e estimada de muitos. Isto me | moueo ver se acharia outra antigualha que podesse tressadar, pera o que conuersey | Alber de Renes em paris (famoso cronista deste tempo) em cujo poder achei algũas | memorias de nações estranhas: τ antrelas ha cronica de Palmeirim dinglaterra | filho de Dom Duardos, tão gastada da antiguedade de seu nascimento, que com affaz | trabalho a pude ler. Tressadeya por me parecer que pola afeçam de seu pay se estimaria em toda parte: τ com desejo de ha dirigir a vossa alteza: coufa que alguns | ouieram por erro: afirmando que historias vãs nam hã de ter seu affento tam alto | fazendo da menor culpa mayor incomuiniente: nam tendo respeito que aas vezes escrip | turas de leue fundamento tem palauras, costumes τ effectos de que nace algum fruto. Uay tressadada na verdade quanto aas auenturas τ acontecimentos: se tuer al- | gũ falta fera na composçam das palauras de que meu engenho carece. Traduzia | em portugues, affi por me parecer que fatiffaria vossa incrinaçam: como por nam | ser dos que fazem ho contrario querendo encobrir seus defeitos: tornando a culpa aa ru | deza de nossa lingua, que a meu juyzo polo que tenho visto em copiosidade de pala- | uras nhã da christandade lhe faz vantage. Se disto ou da obra alguns detractores | mormurarem nam me queixarem: quixemse os sabios quando suas obras forem julgadas | por pecos, que as minhas ninguem as pode tachar que as nam entenda melhor queu.

Edição crítica

[{1v}] Prólogo dirigido à ilustríssima e muito esclarecida princesa dona Maria, infante de Portugal, filha d'El-Rei dom Manoel e irmã d'El-Rei dom João Terceiro, que santa glória hajam.



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

Muita parte da honra dos príncipes, como diz Estrabo, está no louvor do povo, e parece rezão que seja assi, porque como a geralidade no bem dos maiores fale sem afeição é de crer que todos seus louvores têm o nascimento da vertude dos louvados, nos quais se manifesta que tais sejam os costumes, vida e obras daqueles a que louvam. Pois se por esta via o merecimento d'alguns príncipes ao longe resplandece e antre os humanos se celebra com encarecidas palavras, Vossa Alteza, mui esclarecida Princesa, assi antre os grandes como na gente geral do estado não será posta em esquecimento; que de tal calidade são vossas vertudes que com igoal afeição se pregoam. Isto não somente acontece aos naturais deste reino, de que vós sois filha, a que porventura o amor da natureza e d'El-Rei, vosso irmão, porá esta obrigação. Mas inda nos reinos estranhos e mais remotos de nossa conversação e uso tendes o mesmo nome e a mesma fama. Porém, como louvar vossos costumes seja cousa tamanha que enfraquece o engenho a quem se nisso mete, má desculpa teria se quisesse prosseguir matéria tão alta e perder-me no começo, mas a obrigação em que estou a Vossa Alteza, por filha da rainha cristianíssima de França, vossa mai, de que já recebi mercês, me faz algum tanto passar os limites do que minha autoridad em tal caso pode ter e desejar fazer algum serviço a Vossa Alteza, tal que quando não corresponder a Vossa Grandeza, seja igoal ao qu'eu posso.

Eu me achei em França os dias passados em serviço de dom Francisco de Noronha, embaixador d'El-Rei, nosso senhor, vosso irmão, que santa glória haja, onde li algũas crônicas francesas e inglesas. Antr'elas vi que as princesas e damas louvavam por extremo a de *Dom Duardos*, que nestas partes anda trasladada em castelhano e estimada de muitos. Isto me moveo ver se acharia outra antigualha que podesse tresladar, pera o que conversei Alber de Renes em Paris, famoso cronista deste tempo, em cujo poder achei algũas memórias de nações estranhas, e antr'elas a *Crônica de Palmeirim d'Inglaterra, filbo de Dom Duardos*, tão gastada da antiguedade de seu nascimento, que com assaz trabalho a pude ler. Tresladei-a por me parecer que pola afeição de seu pai se estimaria em toda parte, e com desejo de a dirigir a Vossa Alteza, cousa que alguns hovieram por erro, afirmando que histórias vãs não hão de ter seu assento tão alto, fazendo da menor culpa maior inconveniente, não tendo respeito que às vezes escripturas de leve fundamento têm palavras, costumes e efectos de que nace algum fruto. Vai tresladada na verdade quanto às aventuras e acontecimentos. Se tiver algũa falta, será na composição das palavras, de que meu engenho carece. Traduzi-a em português assi por me parecer que satisfaria vossa incrinação, como por não ser dos que fazem o contrario, querendo encobrir seus defeitos, tornando a culpa à rudeza de nossa língoa, que a meu juízo, polo que tenho visto, em copiosidade de palavras nenhũa da cristandade lhe faz vantagem.

Se disto ou da obra alguns detractores mormurarem, não me queixarei. Queixem-se os sábios quando suas obras forem julgadas por pecos, que as minhas ninguém as pode tachar que as não entenda melhor qu'eu.

Modo de citação: Aurelio VARGAS DÍAZ-TOLEDO, "Paratextos do *Palmeirim de Inglaterra I-II (1567)*: prólogo", em *O Universo de Almoúrol. Base de dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVIII* (<http://www.universodealmourol.com/>), 2017.